

Data: 15.09.2016

Titulo: ENSINO ONDE TRABALHAM OS ENGENHEIROS DOS CURSOS COM AS NOTAS MAIS ALTAS



Pub:

VISÃO

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;3;58;59;60;61



ENSINO ONDE TRABALHAM OS ENGENHEIROS DOS CURSOS COM AS NOTAS MAIS ALTAS

Área: 1987cm² / 66%

Tiragem: 80.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5499307

Data: 15.09.2016

Título: ENSINO ONDE TRABALHAM OS ENGENHEIROS DOS CURSOS COM AS NOTAS MAIS ALTAS

Pub:

VISÃO

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Revista Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;3;58;59;60;61



58 Os mais desejados

O que fazem os licenciados dos cursos com a mais alta média de entrada na universidade, roubando a liderança à Medicina? Criam empresas, desenham foguetões, inventam desenhos animados, são jornalistas

Área: 1987cm² / 66%

FOTO Titagem: 80.000

Cores: 4 Cores

ID: 5499307

OS DESEJADOS

O QUE FAZEM OS LICENCIADOS DOS CURSOS COM A MAIS ALTA MÉDIA DE ENTRADA NA UNIVERSIDADE – ENGENHARIA AEROESPACIAL E FÍSICA TECNOLÓGICA? CRIAM EMPRESAS, DESENHAM FOGUETÕES, INVENTAM DESENHOS ANIMADOS, SÃO JORNALISTAS

SARA SÁ



João Garcia Fonseca
44 ANOS
CEO
DA BIOSU3FIT

NUNO ÁVILA
42 ANOS
DIRETOR DA DEIMOS
ENGENHARIA

ANA CASTANHEIRA
29 ANOS
GALP

Clube de elite
Sels dos engenheiros saídos dos cursos do Instituto Superior Técnico que destronaram Medicina no topo das médias mais altas

Área: 1987cm² / 66%

Tiragem: 80.000
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5499307



RODRIGO CARVALHO
41 ANOS
FUNDADOR YUTRI VENTURES

LUÍS ANJOS
44 ANOS
GALP

SÉRGIO LOURENÇO
4 ANOS
DIRETOR TÉCNICO DA PPM COACHERS

TOP 10
ESTES SÃO OS CURSOS UNIVERSITÁRIOS COM AS MÉDIAS DE ENTRADA MAIS ALTAS*

- 1º **Engenharia Aeroespacial**
IS Técnico – 185,3
- 2º **Engenharia Física Tecnológica**
IS Técnico – 185,3
- 3º **Engenharia e Gestão Industrial**
FEUP – 184,3
- 4º **Medicina**
FMUP – 184,0
- 5º **Medicina**
ICBAS – 182,5
- 6º **Bioengenharia**
FEUP – 182,0
- 7º **Medicina**
U. Minho – 181,7
- 8º **Matemática Aplicada e Computação**
IS Técnico – 180,5
- 9º **Medicina**
U. Coimbra – 179,8
- 10º **Engenharia Biomédica**
IS Técnico – 179,5

* Numa escala até 200

Área: 1987cm² / 66%

Tiragem: 80.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5499307



Área: 1987cm² / 66%

Tiragem: 80.000

FOTO: 4 Cores

ID: 5499307

N

a casa de fotocópias colada ao Técnico, um dos itens com mais saída eram “os cadernos da Suzana” – apontamentos das aulas de Análise Matemática ou Mecânica dos Fluidos, escritos numa letra certinha, sem rasuras. Servia para quem não ia à aulas ou para quem se perdia nos próprios gatafunhos. Hoje, aos 42 anos, Suzana da Mota Silva, a autora dos tais apontamentos, trabalha na Agência Espacial Europeia (ESA, na sigla em inglês). E pode dizer-se que chegou ao destino, depois de um trajeto que a levou a fazer investigação no acelerador de partículas do CERN, em Genebra, a dar aulas na Universidade de Lausanne, a trabalhar numa empresa holandesa de helicópteros e, finalmente, à ESA. Toda uma carreira construída a pensar no

espaço.

Como quase todos os 30 alunos da primeira turma do curso de Engenharia Aeroespacial, que abriu em 1992, no Instituto Superior Técnico, desde pequena que queria ser astronauta. Na adolescência não perdia um episódio da série *Cosmos*, de Carl Sagan, e gostava de perceber como funciona o mundo. Nas missões MetOp-C e Aeolus, que fazem parte do programa de Observação da Terra da ESA, tem como função garantir que não há erros, no setor mais exigente que existe. “Não nos podemos dar ao luxo de falhar.” Um lema que adotou desde o primeiro dia em que subiu a escadaria do Técnico para entrar numa turma que era olhada com muita curiosidade: o que aconteceria aos melhores alunos de engenharia do País? Teria o mercado de trabalho capacidade para os absorver?

COLEGA DE EINSTEIN

Mais de vinte anos depois, é evidente que a aposta está ganha. As vagas cresceram para 85, o curso continua a atrair os melhores – partilhando este ano o primeiro lugar na lista de acesso ao Ensino Superior com outro daquela escola de engenharia, Física Tecnológica – e não há licenciado que esteja sem emprego. Uns trabalham no fabricante de aviões Airbus, na TAP ou nas OGMA, ou em empresas que nasceram após a adesão de Portugal à ESA, no ano 2000, como é o caso da Decimos Engenharia. Também há quem seja “colega de Einstein”, trabalhando como avaliador de patentes, tal como o génio da Física, antes de se dedicar à investigação.

Mas também há quem tenha um percurso que foi parar à Casa Branca. Rodrigo Carvalho, 41 anos, era “o brasuca” da turma. Distinguiu-se pelo sotaque e pela capacidade de sonhar acordado. Já fez quase tudo – de um mestrado na Universidade de Cranfield, Reino Unido, uma das melhores no setor da aviação, ao *marketing* num gigante do setor do retalho. Também trabalhou em empreendedorismo social, enquanto criava as suas próprias empresas, como um site de aconselhamento jurídico ou um centro de explicações. Até que descobriu que era capaz de escrever e teve a ideia de criar uma série de desenhos animados para ajudar as crianças a comerem melhor, a *Nutri Ventures*. Traduzida em dezenas de línguas, a trama de aventuras, pintalgadas de conselhos para uma alimentação saudável, já o pôs de braço dado com a primeira-dama americana, Michele Obama. Também lhe trouxe muitas angústias, que isto de ser empreendedor soa mais



**SUZANA DA MOTA SILVA
A INFALÍVEL**

42 ANOS, FUNCIONÁRIA DA ESA

Foi a primeira portuguesa a conseguir o canudo em Engenharia Aeroespacial. Hoje, trabalha na Agência Espacial Europeia, depois de um percurso variado que tinha como destino fazer parte do sonho espacial. Do Técnico trouxe a “capacidade de perceber os problemas e saber procurar a solução quando não a conhece”.



**SAMUEL MARTINS
O COLEGA DE BILL GATES**

33 ANOS

Optou por Física Tecnológica para dar largas à curiosidade. O curso não o dececionou e preparou-o para tudo. Foi parar à Fundação Bill e Melinda Gates, onde gere os projetos do homem mais rico do mundo. Ao milionário elogia a inteligência, a capacidade de trabalho e a simplicidade. De Seattle, onde mora, diz que é uma cidade “espetacular” para se viver.



JOÃO GARCIA FONSECA
O EMPREENDEDOR

44 ANOS, CEO DA BIOSURFIT

Queria perceber o porquê das coisas e por isso escolheu Física Tecnológica. Entrou com uma média de 88,7%, mas era o pior da turma, onde havia vários alunos com quase 100 por cento. Um ambiente onde se “puxava para cima”. Foi presidente da associação de estudantes – o ano em que mais aprendeu. Com outros dois colegas de curso, criou a empresa Biosurfit, que desenvolve testes rápidos para diagnóstico de infeções.



RODRIGO CARVALHO
O CRIADOR

41 ANOS, FUNDADOR DA NUTRI VENTURES

Escolheu Engenharia Aeroespacial por causa do sonho de trabalhar na Fórmula 1. Com um percurso muito variado, que passou pela grande distribuição e o empreendedorismo social, tem como missão mudar a forma como comem as crianças do mundo rico, e obeso. Os desenhos animados Nutri Ventures já chegaram aos quatro cantos do mundo e trouxeram-lhe o apoio da primeira-dama americana, Michele Obama.

“ SÃO CURSOS ÚNICOS QUE ATRAEM ALUNOS DE TODO O PAÍS, QUE TOCAM ÁREAS DA MODA, COMO O ESPAÇO OU O BOSÃO DE HIGGS”, DIZ O PRESIDENTE DO TÉCNICO, ARLINDO OLIVEIRA

sedutor do que é na realidade. Até receber o primeiro sim de um investidor, Rodrigo Carvalho ouviu 86 respostas negativas. “Ser empreendedor é criar valor sem recursos, vulgo desenrascanço”, compara. “Uma capacidade que fomos obrigados a desenvolver durante a licenciatura.”

PROFISSÃO: RESOLVER PROBLEMAS

Samuel Martins, 33 anos, também não escolheu o caminho mais óbvio. Aluno de 19, recusa o título de marrão. Tinha namorada, uma banda de garagem e gostava de ler. Veio de Porto de Mós, Leiria, para Lisboa para o curso de Física Tecnológica. Os pais teriam preferido Medicina – a escolha imediata para quem está quase a rebentar a escala, mas aceitaram uma opção motivada exclusivamente pela “curiosidade intelectual”. Ainda nem tinha acabado o curso e já tinha sido pescado pela McKinsey – metade dos consultores da empresa vem das engenharias. “Aceitei a proposta porque o trabalho era resolver problemas”, revela. Como diz Gonçalo Figueira, professor da licenciatura em Física, “os desafios intelectuais são uma coisa que diverte estes alunos.”

A dada altura, teve saudades da parte técnica e fez um doutoramento em Física, nos EUA. Gostou do País e ficou com vontade de lá viver. Concorreu a uma posição na Fundação Bill e Melinda Gates e ficou. Em Seattle, na sede da Microsoft, reúne-se frequentemente com o milionário para discutir os projetos apoiados pela instituição. É sua responsabilidade acompanhar o desenvolvimento de novos produtos, decidir onde e como se deve investir os milhões da fundação, que combate a malária e a sida. “Durante o curso, aprendi a aprender e isto permitiu-me adaptar-me a qualquer situação, em qualquer área.”

Luís Anjos achava que ia ser cientista, como era “normal” para quem escolhia Física Tecnológica. Mas enquanto se especializava na área da exploração petrolífera e ia percebendo que a via da investigação não era fácil, fez a escolha racional e entrou na Galp. Hoje é o responsável técnico pela exploração e produção da empresa em África. Tem colegas a trabalhar em marketing, telecomunicações, gestão. “É um curso que abre muitas portas.”

Está visto que estes engenheiros podem ser aquilo que quiserem. Até jornalista da VISÃO – como é o caso da autora deste artigo, aluna do primeiro curso de Engenharia Aeroespacial do